



CONEXÃO

PROFESSOR





CONEXÃO

PROFESSOR



ORALIDADES AFROPARANAENSES

ANA LÚCIA MATHIAS



CONEXÃO

PROFESSOR

SUJEITO, CORPO E MEMÓRIA: NEGRAS, HEROÍNAS E ANÔNIMAS DE NOSSA HISTÓRIA



Figura 1: casal Maria Francisco Mathias e Victor Mathias. Fonte: Acervo de família: Ana Lucia Mathias Fernandes Coelho.



NARRATIVAS DE VIDA DAS MARIAS: VIVIDAS, SOFRIDAS E NÃO RECONHECIDAS



- A INVISIBILIDADE DA
PRESENÇA NEGRA
- UM ESTUDO SOBRE A QUESTÃO
FEMININA



CONEXÃO

PROFESSOR

TRAJETÓRIAS DE MUITAS VIDAS



- Professora guerreira da cidade de Palmas, dona Maria Arlete, negra e quilombola do Paraná.
- Raízes, afrodescendentes, negras, afro paranaenses, que fizeram por onde serem lembradas e homenageadas, no livro Oralidades Afro paranaenses
- fragmentos da presença negra na História do Paraná.



CONEXÃO

PROFESSOR

MARIA FRANCISCO MATHIAS



- Assim, inspirada no respeito demonstrado a professora Maria Arlete, peço
- licença nesse momento para homenagear mais **uma grande Maria**, também
- através de um conto, de uma narrativa, resgatando a história de uma mulher
- negra fantástica. Uma mulher única, sofredora, batalhadora e vencedora de todos
- os desafios que um ser humano poderia passar e que nunca desistiu de lutar. E a
- minha mãe esta grande guerreira.



CONEXÃO

PROFESSOR

A palavra falada e a alma da narrativa



- A alma desta narrativa é contar a história das **Vidas de Marias**, em
- especial a vida de minha mãe **Maria Francisco Mathias**, que é uma história a
- meio-caminho de nos mesmos/as, quase em retirada, as vezes velados/as. Não
- posso esquecer este **mundo de memória**. O mundo da minha mãe **Maria**.



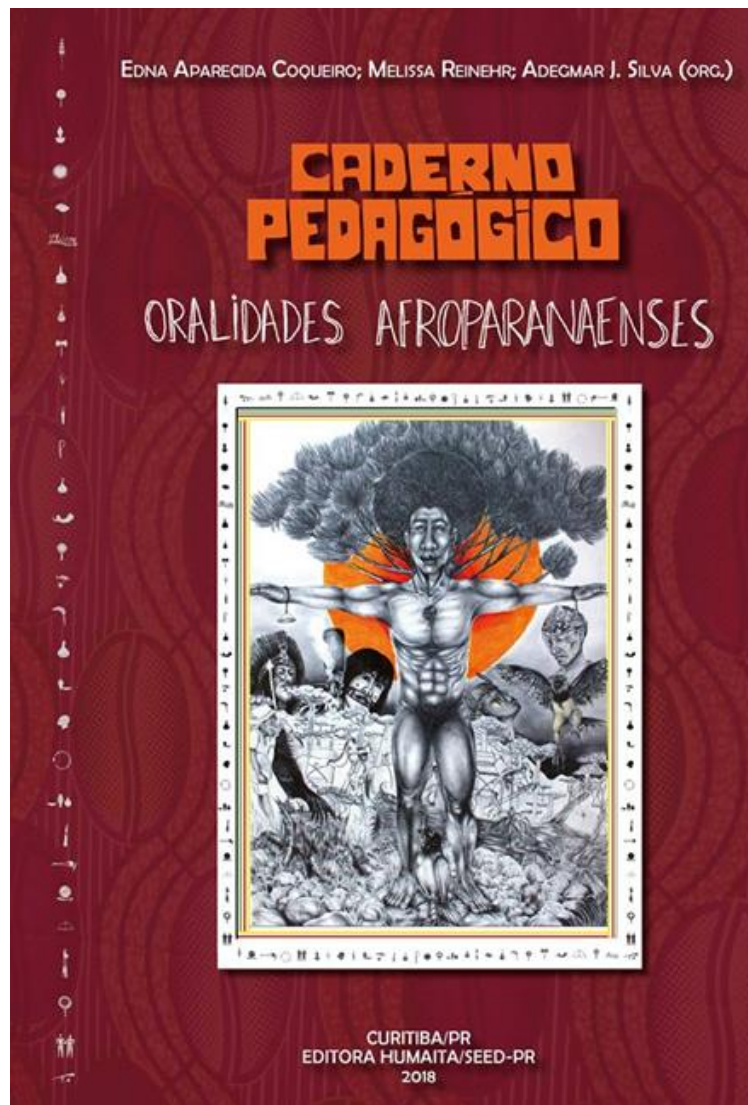
CONEXÃO

PROFESSOR



Vozes de Mulheres Negras em Movimento

Lucia Helena Xavier
luhexa@hotmail.com



Oralidades afroparanaenses: fragmentos da presença negra na História do Paraná –
Poemas de Mel e Candiero



CONEXÃO

PROFESSOR

POESIA: "ALMA DAS RUAS: UMA CRÔNICA PARA A ALMA
NEGRA CURITIBANA"



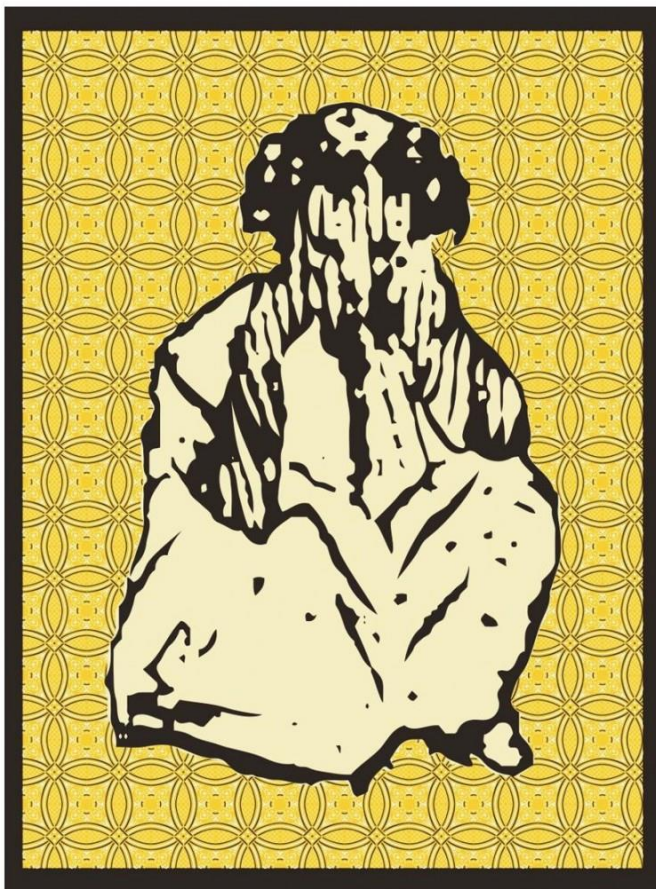
(...)
algumas histórias cruéis
Acontecidas bem aqui
no centro da cidade
Que nega suas incomodas
ancestralidades
Como o caso da escravizada liberta
Brígida
A curandeira de 1798
(...)

Como a escrava Ignácia
Que tirou a vida
do próprio filho
para não vê-lo escravizado
(...)
O caso de Maria Aguedá
Mulher negra livre
Que em 1804 enfrentou
a “elite e a milícia curitibana”
(...)



CONEXÃO

PROFESSOR



Cartaz da exposição “Libertem Maria Aguedá”/2015

- Memórias, lutas e resistências de mulheres negras.
- Mulheres negras nos movimentos sociais
- Atuação nas lutas pela igualdade racial e de gênero no Estado do Paraná.



CONEXÃO

PROFESSOR



África liberta Em suas trincheiras Tantas anônimas Guerreiras brasileiras



Canção vocalizada no III Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe, realizado em Bertioga-SP em 1985

(Foto: Reprodução/ Ravi Santana – Carta Capital)/2019



CONEXÃO

PROFESSOR



Feminismo Negro

- Questionamento do modelo universal de mulher.
- Desconstrução de preconceitos e estereótipos.
- Denúncia das opressões de gênero, raça e classe.
- Estratégias que propiciem às mulheres negras a superação das desigualdades provocadas por essas opressões.



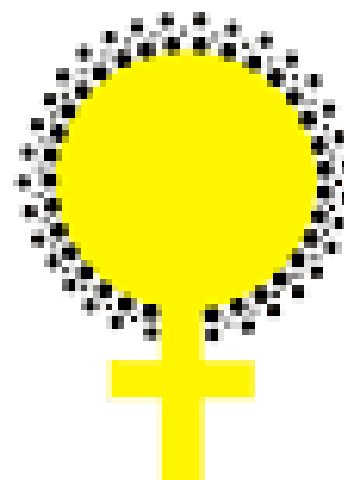
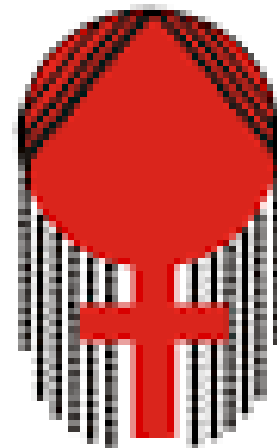
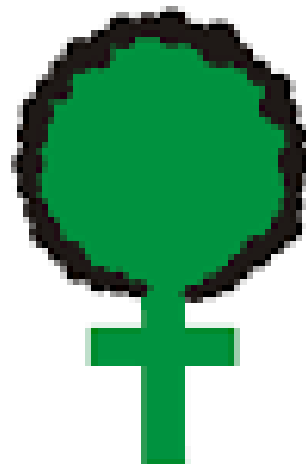
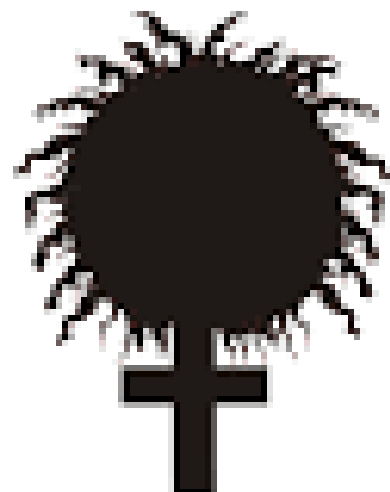


CONEXÃO

PROFESSOR



Rede



Negras - PR



CONEXÃO

PROFESSOR

















CONEXÃO

PROFESSOR



VISIBILIDADE DA MULHER NEGRA, UMA VERDADE INCONVENIENTE



CONEXÃO

PROFESSOR

Enedina Alves Marques



- Enedina Alves Marques, nascida em 1913, a primeira mulher negra a concluir o Curso de Engenharia na década de 1940 .
- Area profissional ocupada por homens em plena Faculdade de Engenharia do Paraná (FEP).
- Mesmo em reconhecimento ao “Feito”, lançou se a idéia de favorecimento, “ela encontrou por parte dos colegas a solicitude e a colaboração que lhe facilitaram a conclusão do curso” PUPPI, 1986).
- Feitos como de Enedina Alves no estado do Parana, as mulheres Negras de Tabuleiro, em Minas Gerais no século XVIII que ameaçaram o governo da epoca



CONEXÃO

PROFESSOR



- No Rio de Janeiro no século XIX as narrativas ficcionais tinham por objetivo:
- destacar o corpo das mulheres negras tendo atribuindo características físicas “anormais” e um caráter “duvidoso”.
- Nascendo assim as “tipologias literárias” e os estereótipos de sexualização tais como crioula feia, preta resignada, mucama sapeca.
- Nesse sentido as mulatas eram descritas como prostitutas, amantes levianas e sem caráter (XAVIER, FIGUEIREDO 201).
- Paralelo a isso ocorria a prostituição que foi a base para a sobrevivência devido à pobreza extrema, nesse sentido era comum enteadas, filhas, irmãs, cunhadas, esposas se prostituírem para sustentar as famílias.
- O comércio e a prostituição em uma região rica, tornou-se favorável ao acúmulo de riquezas





CONEXÃO

PROFESSOR



- King (1988) declara que “para se entender a experiência da violência na vida das mulheres negras, precisa-se fazer uma leitura múltipla, levando em consideração as variáveis
- raça, gênero e classe social das vítimas”.
- Para Scott (1994) “ nas relações sociais o gênero é um elemento constitutivo que identifica e diferencia homens e mulheres, baseado nas diferenças percebidas entre os sexos sendo uma forma primária de dar significado às relações de poder”.
- Em certo sentido Hooks (1995) estabelece e afirma que o “sexismo e o racismo ao atuarem juntos perpetuam e imprimem na consciência cultural coletiva uma imagem de representação da mulher negra de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros



CONEXÃO

PROFESSOR



- Para César (2008) no processo sócio, histórico e cultural alguns grupos sociais tornaram-se hegemônicos autodeclarados “universais” a nível de conhecimento, cultura e através dos processos de relações de poder engendraram e excluíram de forma arbitrária os grupos minoritários estabelecendo-se no centro, isto é, o homem, branco, europeu, heterossexual, produtivo e reprodutivo.
- Esse é o pano de fundo que visava manter o regime escravocrata, sobretudo levando a mulher negra a uma posição subalterna, negando lhe o direito e invisibilizando suas ações.



CONEXÃO

PROFESSOR



- Nogueira (2012) estabelece uma correlação temporal declarando que “entre os séculos XIX E XX na sociedade brasileira, o racismo nasce e se consolida como um dos instrumentos mais eficazes de regulamentação e controle das formas de convivência e das inúmera relações humanas”.
- Desse modo o racismo se conformou como ideologia e se materializou na cultura, passando a determinar comportamentos e valores de uma forma incomum nas organizações e nos indivíduos.



CONEXÃO

PROFESSOR

O lugar da mulher negra e a interseccionalidade



- Malta e Oliveira (2016) trazem uma reflexão acerca do papel da mulher negra, sobretudo no processo de exclusão e opressão que incide sobre elas.
- Há uma associação de elementos do racismo, do machismo e dos preconceitos de classe, sujeitando as a condições de exploradas seja na esfera profissional, assim bem como na da sexualidade.
- Isto é; semelhante ao sistema escravocrata que afirmava e colocava as mulheres negras na base da pirâmide social.
- Processo esse que se manteve, mesmo através do feminismo tradicional que não conseguia responder aos anseios das mulheres negras, pois reduzia a categoria mulher a uma identidade única e fixa.



CONEXÃO

PROFESSOR

Feminismo tradicional



- Para Sarti (2004) “a luta das mulheres naquele período de 1970 concentrava-se em oposição ao regime militar e ou ditatorial, onde temas como aborto, sexualidade, planejamento familiar e violências contra a mulher permaneceram sem evidência”.
- Para Silveira (2010) o surgimento das teorias feministas e de gênero no contexto brasileiro “está relacionado a inserção das mulheres no contexto público, político e cultural, onde a principal questão era a participação política da mulher na década de 1970”.



CONEXÃO

PROFESSOR

Feminismo negro



- Para o feminismo negro a uma estruturação diferenciada devido o fator cultural, sócio histórico e políticos.
- Crenshaw (1991) em sua análise declara que o gênero no caso da mulher negra não é o único fator de discriminação e subordinação.
- Outros fatores como sexismo, racismo, patriarcalismo juntos ou seja a **“interseccionalidade”**.
- Nesse sentido Malta e Oliveira (2016) declaram que, no universo negro feminino a “interseccionalidade passa a ser uma estratégia fundamental, para uma melhor compreensão do entrelaçamento entre as **múltiplas identidades** da mulher negra ou seja gênero, raça, de classe, de orientação sexual”.



CONEXÃO

PROFESSOR

Processo sócio histórico e cultural da mulher negra



- Decorre da ancestralidade pois nas sociedades africanas o sistema matrilinear é uma característica presente desde tempos remotos.
- Nesse sistema a mulher negra sempre esteve inserida no sistema de partilha de direitos e responsabilidades tais assumindo funções importantes como:
 - - na sucessão real
 - - na herança de bens materiais
 - - no exercício do poder político gozando desse modo de direitos sociais, econômicos, e espirituais sendo elemento central do corpo social.
- Desse legado matrilinear são exemplos de mulheres soberanas.
- No Egito, Osíris e Ísis que exerciam o poder político e espiritual



CONEXÃO

PROFESSOR

Processo sócio histórico e cultural da mulher negra



- Nefertiti, reinou com seu marido
- A faraó Hatshepsut, assumia todas as funções de chefia do Estado
- As Amanirenas, em 29 a.C., que atacaram as legiões romanas e lideraram durante cinco anos uma guerra de resistência nacional, em Núbia
- A linhagem das rainhas Kentakes que reinaram por direito próprio à frente da administração civil e militar, por um período de 300 a.C.
- Angola temos a Rainha N'Zinga
- Gana Asantewaa, rainhas estadistas e guerreiras (LARKIN, 2014).



CONEXÃO

PROFESSOR

Processo sócio histórico e cultural da mulher negra



- Para Wondji (2010) As funções e os papeis atribuídos aos homens e as mulheres na África, após 1935, transformaram-se sobremaneira em numerosas culturas tradicionais até esse período;
- a mulher era a guardiã do fogo devendo prover energia à coletividade
- a mulher era a guardiã da água, sendo responsável por abastecimento e limpeza.
- a mulher era guardiã da terra, nesse sentido associava-se à ideia da dupla fecundidade seja na cultura do solo, e na função da maternidade isto é geracional.



CONEXÃO

PROFESSOR

Trafico de mulheres e as consequências no processo



- No processo da conquista das Américas pela Europa Ocidental, a partir de 1492, e com o continente Africano assume no sistema econômico do Atlântico importante e nefasto papel com aproximadamente 22 milhões de indivíduos sendo levados da África para o resto do mundo.
- Entre 1500 e 1890 aproximadamente 15,4 milhões de homens e mulheres foram levados através do Atlântico e 6,9 milhões pelo Saara, pelo Mar Vermelho e pelo Oceano Índico.
- Essas exportações reduziram a capacidade de reprodução da população na África Negra assim bem como gerou sérios problemas econômicos.
- Nesse momento em uma análise da composição por idade e gênero da população observa-se grande número de mulheres em idade maternal sendo possível avaliar a ação dizimadora imposta pelo escravismo mercantil europeu.



CONEXÃO

PROFESSOR

Trafico de mulheres e as consequências no processo



- Para se compreender o aspecto único e fundamental do escravismo mercantil europeu basta analisar a sua base que se fundamenta nas teorias racistas, para Skidmore (2012), as “três principais correntes de teorização racista foram:
- A etnológico-biológico, a histórica, a darwinista social
- Ou seja um tríplice racismo científico que destituíam os africanos de:
- Sua condição humana
- Tornava-os animais de carga ou ferramentas para geração de lucro
- Estampando-os com a marca de uma inferioridade inata em que o cativo seria sua salvação”.



CONEXÃO

PROFESSOR

Trafico de mulheres e as conseqüências no processo



- Quando, em algumas partes da África nos séculos XVIII e XIX, o tráfico tornou se prática maciça, tratava-se não de um fenômeno africano, mas da integração das sociedades locais ao sistema econômico capitalista mundialmente dominante (INIKORI, 1982).
- No contexto do tráfico através do Saara e do Mar Vermelho, havia uma prioridade para mulheres negras jovens e bonitas, devido a demanda por concubinas sendo uma proporção de duas mulheres por homem
- Para Inikori, (1982) na “região da Nigéria, entre o Golfo de Benin e o Golfo de Biafra, exportaram grande proporção de mulheres, atingindo entre dois quintos a metade das exportações totais”.



CONEXÃO

PROFESSOR



- **Figura 01-Proporção de homens e mulheres entre os escravos, de diferentes regiões da África**



CONEXÃO

PROFESSOR

Trafico de mulheres e as conseqüências no processo



- O processo de dominação colonial levou os europeus à configuração da colonialidade de gênero, desse modo as mulheres nativas e africanas, passaram a ser tratadas e reconhecidas como objetos, coisas, devido aos seus corpos.
- A essas mulheres foi atribuída e ou imposta à degradante condição de trabalhadoras escravizadas e de objetos sexuais.
- Para Queiroz e Queluz (2014) “os corpos nessa dimensão não lhe pertenciam mais e assim também serviam para amamentar os filhos brancos dos proprietários e gerar os filhos sem pai, efeitos do intercâmbio sexual sem liberdade”.



CONEXÃO

PROFESSOR

Trafico de mulheres e as conseqüências no processo



- Para Nascimento, (2010) a África Negra entre 1650 e 1850, sofreu com a exportação para as Américas de 6,9 milhões de negros em sua maioria mulheres.
- Provocando uma redução na capacidade de reprodução dessas regiões, agregado a esses fatores aponta se o feminicídio praticado.
- Aponta se “a mortalidade entre o momento da captura e o da chegada ao término da viagem, os falecimentos devidos a combates e a fome durante as capturas”.



CONEXÃO

PROFESSOR

Figura 02 - % de homens e mulheres desembarcados nas Antilhas, por região
(1781-1798)
Regiao





CONEXÃO

PROFESSOR

Qual o lugar de direito da mulher negra?.



- Na contemporaneidade as vozes dessas mulheres silenciadas ecoam através dos seus descendentes, sobretudo no gênero mulher, pois conforme Manifesto da Marcha das Mulheres Negras (2015).
- “Somos 49 milhões de mulheres negras, isto é, 25% da população brasileira e vivenciamos a face mais perversa do racismo e do sexismo por sermos negras e mulheres.”
- Essas vozes representam a resistência, sobre tudo quando se questiona qual o lugar de direito da mulher negra?



CONEXÃO

PROFESSOR

Qual o lugar de direito da mulher negra?



- Para Pinho (2014), o discurso de *Sojourner Truth* em 1851 foi uma intervenção na *Women's Rights Convention* em Akron, Ohio, Estados Unidos, em 1851
- *Os clérigos discutiam os direitos da mulher, pois para os pastores presentes as mulheres não deveriam ter os mesmos direitos que os homens, porque são frágeis, intelectualmente débeis e porque Jesus foi um homem e não uma mulher e a primeira mulher foi uma pecadora.*
- *Diante do exposto Truth deixa clara a condição do gênero mulher e da mulher negra ao expressar.*



CONEXÃO

PROFESSOR

Qual o lugar de direito da mulher negra?



- Pinho (2014) descreve a fala de *Truth1851*, Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam.
- Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços!
- Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher?
- Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher?
- Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu!
- E não sou uma mulher? *Truth1851* PINHO(2014)



CONEXÃO

PROFESSOR

Violência contra a mulher negra FLACSO- Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais



- Como disse Fernandes (1972) “o brasileiro tem preconceito de ter preconceito” nesse sentido prevalece o mito da democracia racial, onde existe uma pseudo convivência cordial e harmoniosa das raças/etnias que constituem a sociedade brasileira.
- Associado a isso a construída crença da inferioridade do negro(a), consolidando uma desigualdade racial estrutural no país, nesse aspecto o racismo passa a ser; negado e velado ACNAP (2016).
- A realidade desses fatos se evidencia através dos dados do Mapa da Violência 2015 - Homicídios de Mulheres produzidos pela FLACSO (Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais) onde entre 2003 e 2013, a taxa de homicídios no Brasil aumentou 19,5%, enquanto a taxa de homicídios contra mulheres brancas caiu 11,9%.
- .



CONEXÃO

PROFESSOR

Violência contra a mulher negra FLACSO- Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais



- Werneck, (2018) apresenta dados onde 64% das mulheres assassinadas no Brasil são negras e que, das 2,4 milhões de mulheres que sofreram violência em 2013, um percentual de 1,5 milhão também são negras.
- Na sua observação a Lei Maria da Penha N°11.340/ 2006, e a Lei do Feminicídio N° 13.104/ 2015 por ser uma inovação jurídica, tais conquistas legais não estão garantindo a proteção das mulheres negras.
- Apesar da L.M.P., as mulheres negras continuam sendo assassinadas sem a proteção do estado e do movimento de mulheres
- Onde foi que a gente errou? como nos últimos 10 anos foi possível que o assassinato de mulheres negras aumentasse 54%?" WERNECK (2018).



CONEXÃO

PROFESSOR

Violência contra a mulher negra FLACSO- Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais



- Para efeitos nesse mesmo período nos últimos 10 anos, os registros apontam que a quantidade anual de homicídios de mulheres brancas diminuiu 9,8% (SPM-PR, 2015).
- Já para a Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM-PR, 2015), apesar de ser um crime e grave violação de direitos humanos, a violência contra o gênero mulher segue vitimando milhares de brasileiras com 74% dos relatos de violência registrados.
- Porém no mesmo relatório é possível observar que, a maioria das vítimas de violência são mulheres negras e o número de mortes violentas dessas mulheres aumentou 54% no período de 2003 a 2013.
-



CONEXÃO

PROFESSOR

Enedina A. Marques e a superação da mulher negra nos bancos escolares



- Durante a vigência do sistema escravista, por mais de 300 anos, manteve-se a população negra, distante da educação escolar, sendo esta proibida, pois a consideravam uma ameaça à “ordem social” e influência perigosa a esse espaço. (SEED/PR, 2018).
- Observa-se que no processo pós-abolicionista vários instrumentos foram utilizados para exclusão dentre eles
- Decreto nº 1331, de 17 de fevereiro de 1854, que estabelecia que
- Nas “escolas públicas do país não seriam ou fossem admitidos escravizados, e a previsão de instrução para adultos negros dependia da disponibilidade de professores
- Decreto nº 7031-A, de 6 de setembro de 1878,
- Estabelecendo que os negros estudassem no período noturno (SEED/PR, 2018).



CONEXÃO

PROFESSOR

Enedina A. Marques e a superação da mulher negra nos bancos escolares



- Esses dois instrumentos indicam com certa precisão as origens das desigualdades escolares entre brancos e negros, que desde sempre evoluíram e se mantiveram (SEED/PR, 2018).
- Henriques (2001) aponta através de pesquisa sobre desigualdade racial no Brasil a evolução das condições de vida na década de 90.
- Constata-se que 55% do diferencial salarial entre brancos e negros está associado à desigualdade educacional e a outra parte decorre da herança da discriminação educacional infligida às gerações dos pais dos estudantes”.



CONEXÃO

PROFESSOR

Enedina A. Marques e a superação da mulher negra nos bancos escolares



- Conforme Henriques (2001)
- A escolaridade média de um jovem negro com 25 anos de idade gira em torno de 6,1 anos de estudo.
- A de um jovem branco da mesma idade tem cerca de 8,4 anos de estudo.
- O diferencial é de 2,3 anos.
- Apesar da escolaridade de brancos e negros crescer de forma contínua ao longo do século, a diferença de 2,3 anos de estudos entre jovens brancos e negros de 25 anos de idade é a mesma observada entre os pais desses jovens.
- E, de forma assustadoramente natural, 2,3 anos é a diferença entre os avós desses jovens.
- Além de elevado o padrão de discriminação racial expresso pelo diferencial na escolaridade entre brancos e negros, mantém-se perversamente estável entre as gerações.



CONEXÃO

PROFESSOR

Enedina A. Marques e a superação da mulher negra nos bancos escolares



- A diferença em anos de escolarização desfavorável aos negros mesmo sendo mantida a velocidade da redução de desigualdades entre os dois grupos étnicos é gritante.
- Mesmo com políticas públicas efetivas visando uma equidade sócio educacional, os negros **levariam de 40 a 67 anos** para atingir a escolarização média em relação aos brancos (SILVÉRIO, 2009 apud IPEA, 2007).
- Isso é possível ao analisar os dados da extensão das desigualdades e os prejuízos à população negra, dados obtidos através da velocidade de redução de taxas de desigualdades entre negros e brancos no período compreendido entre 1995 a 2005.
-



CONEXÃO

PROFESSOR

Diferença em anos de escolarização desfavorável aos negros



- **Fig. 3- Diferença em anos de escolarização desfavorável aos negros**
- Educacional
-
- Diferença/ anos de escolarização desfavorável aos negros
- Projeção/Igualdade
- Período
- 1995 2005
-
- EJA +de 14 Anos
- 2,1 anos 1,8 anos
- 67 anos
- EJA de 15 a 24 anos 1,9 anos
- 1,5 anos
- 40 anos
- **Fonte: IPEA, 2007. In: Silvério (2009, p. 31)**



CONEXÃO

PROFESSOR

Diferença em anos de escolarização desfavorável aos negros



- Silvério (2009) demonstra através de dados do IPEA, (2007) que a diferença de rendimentos desfavorável aos negros sendo mantida a velocidade de redução de taxas de desigualdades entre negros e brancos, os negros levariam mais de cem anos para atingir os mesmos níveis salariais



CONEXÃO

PROFESSOR

Diferença de rendimentos desfavorável aos negros



- Fig. 04 -
- Emprego e renda – Rendimento per capita
-
- Diferença de rendimentos desfavorável aos negros
- Projeção de igualdade
- Período
- 1995
- 2005
-
- + de 100 anos
- Branco
- R\$ 582,00
- R\$ 590,00
- Negros
- R\$ 245,00
- R\$ 270,00 58,0 %
- 54,3 %
- Fonte: IPEA, 2007. In: Silvério (2009, p. 31)
-



CONEXÃO

PROFESSOR

Negros e brancos abaixo da linha da pobreza



- Dados de pesquisas do IBGE, conforme IPEA, (2007) “Coletados por amostra de domicílios, e divulgados na forma de Síntese dos Indicadores Sociais tem revelado a permanência da “defasagem” de acesso, qualidade de emprego, remuneração, dos negros, em toda a década deste início de século XXI”.
- Para efeitos dados do IPEA, (2007) figura 05 “apontam que em relação à linha da pobreza, os negros somam mais que o dobro da população branca, assim, se mantida a velocidade nos 10 anos observados, os negros levariam 65 anos para sair dessa situação”. (SILVERIO, 2009).
-



CONEXÃO

PROFESSOR

Fig. 05 - Negros e brancos abaixo da linha da pobreza



- **Fig. 05 - Negros e brancos abaixo da linha da pobreza**
- Pobreza
- Negros e brancos abaixo da linha da pobreza
- Projeção da saída da linha da pobreza
- Período
- 1995 2005
- 65 anos
- Brancos 25,6%
- 22,9%
- Negros 53,40%
- 46,3 %
- **Fonte: IPEA, 2007. In: Silvério (2009, p. 31)**



CONEXÃO

PROFESSOR

Enedina A. Marques e a superação da mulher negra nos bancos escolares



- A desigualdade sociopolítico e educacional no Brasil, sobretudo a condição do negro decorrem de medidas governamentais históricas tais como:
- O Decreto nº 1331 e o Decreto nº 7031-A, que geraram desigualdades escolares entre brancos e negros.
- Desse modo o racismo “científico” foi adotado em larga escala pelas elites brasileiras, com dois objetivos específicos:
- “reinterpretar ideários liberais, tais como a igualdade entre cidadãos e a igualdade política, procurando assim impedir suas tendências democratizantes.
- E em segundo momento possibilitar a consolidação e perpetuação de estruturas sociais e políticas autoritárias, no Brasil (VENTURA 1991).
-



CONEXÃO

PROFESSOR

Enedina A. Marques e a superação da mulher negra nos bancos escolares



- Para Cunha Jr, (2010) os escravistas no período compreendido entre 1880 e 1930 estavam convencidos da inferioridade do sujeito negro, isso decorre das teorias raciais científicas que perpetraram e introjetaram de forma hegemônica os hábitos, resquícios lingüísticos assim bem como as ações racistas e preconceituosas no cotidiano.
- Nessa dimensão corrobora Skidmore(2012) ao citar que: “as três principais correntes de teorização racista foram a etnológico-biológica, a histórica e a darwinista social.
- Conforme Cunha Jr, 2010 “os assuntos de engenharia, que abrangiam os saberes e técnicas de produção agro-pecuária, mineração, metalurgia, arquitetura, construção civil, culinária, farmacopéia, dentre outros, foram solucionadas pelas habilidades de mulheres e homens em cativeiro”.



CONEXÃO

PROFESSOR

O que é ser uma mulher negra e estudante na década de 40.



- O período compreendido entre 1800 e 1950 é considerado por Burke (1992) como o da história cultural clássica pois havia uma consciência mais aguda da relação entre cultura e sociedade, onde a partir desse momento passou a existir uma maior influência da sociologia e da antropologia.
-
- Nesse contexto surgem novas maneiras de se fazer história cultural, pois historiadores mais contemporâneos “influenciados por Thompson começaram a escrever a história da cultura popular encontrando contribuição por parte dos historiadores ligados à publicação dos Annales, sobretudo Jacques Le Goff e Jean- Claude Schmitt”(SANTOS, 2016).
- Declara Santana, 2011 que nesse contexto de época pós abolicionista visibiliza-se a trajetória de Enedina A. Marques filha de Paulo Marques e Virgília Alves Marques, casal de negros, que “chegaram a Curitiba na busca de melhores condições de vida, sem procedência correta, provenientes do êxodo rural ocorrido após a abolição da escravatura em 1888”.



CONEXÃO

PROFESSOR

O que é ser uma mulher negra e estudante na década de 40.



- A inserção social dos pais de Enedina não ocorreu devido ao advento da abolição da escravidão, pois havia uma transição gradual e lenta de uma sociedade senhorial e escravista, para uma sociedade de classes, onde o branco deu continuidade ao projeto de lançar sobre o negro e seus descendentes a responsabilidade pelos seus empenhos para a adaptação da sua força de trabalho não apresentando condições de sobrevivência (IANNI, 1961).
- Para Santos (2010) a “Lei Áurea não teve como preocupação fixar as comunidades negras na terra e garantir as terras nas quais já viviam reconhecidas pelas próprias leis dos dominantes”.
- Para efeitos o valor dado ao trabalho e à vida social do negro foi expresso em: atitudes, avaliações negativas, estereótipos que designavam a mantê-lo dificultado nas suas circulações e afastado dos meios de convivência econômica, política e social dominado, em grande medida, pelos imigrantes europeus que chegaram ao país entre o fim do século XIX e começo do século XX (IANNI, 1961).
-



CONEXÃO

PROFESSOR

O que é ser uma mulher negra e estudante na década de 40



- Nesse contexto sócio-histórico e político pós abolição emerge Enedina “Desde criança até a fase adulta, trabalhou de babá a criada de servir em diversas casas de família de Curitiba e continuou nesta atividade até a conclusão do seu curso superior” (NICOLAS, 1977).
- Para Bueno (1910) as meninas naqueles períodos eram preparadas para serviços domésticos, ou seja: as meninas - antes de se tornarem empregadas domésticas como era comum às polonesas, participavam das atividades para manutenção e sobrevivência da própria família, elas acompanhavam e eram preparadas pelas suas mães nas execuções nas tarefas das roças e nas atividades domésticas.
- A adolescência de Enedina foi marcada de forma igual, em grande medida, à adolescência vivida por algumas adolescentes filhas de poloneses, com trabalho doméstico em casas de famílias (BUENO, 1999, pp. 50-51).
-
-



CONEXÃO

PROFESSOR

O que é ser uma mulher negra e estudante na década de 40



- Para Rago, “as mulheres e as crianças negras após a abolição da escravidão continuaram trabalhando nos setores considerados os mais desqualificados, sobretudo nas zonas urbanas do país, onde recebiam baixíssimos salários aliado ao péssimo tratamento” (RAGO apud DEL PRIORE, 2007).
- Dentro desse contexto está a mulher negra que mesmo “presente no cotidiano das famílias, ainda assim eram consideradas omissas, sendo invisibilizadas e conseqüentemente discriminadas; a função da mulher negra, era somente cumprir as tarefas a elas delegadas pelas patroas (SANTANA, 2011).
- Enedina passa a ser um referencial impondo resistência e conseguindo superar “barreiras sociais, econômicas, culturais, políticas e étnicas ao demonstrar ser uma mulher do seu tempo de olho no futuro” (VELLOZO, 1942).
-



CONEXÃO

PROFESSOR

Contexto de domínio social, a F.E.P e o espaço de reafirmação da emancipação política do estado



- Santana (2011), “os grupos dentro da instituição estavam hierarquizados através da classe social, da etnia, do gênero e das relações de poder.
- A pessoa que fala, e o lugar de onde ela vem tiveram, sim, influência durante a trajetória de Enedina no curso de engenharia civil na F.E.P”.
- A estrutura da F.E.P visava atender “uma conjuntura socioeconômica paranaense de modo que continuasse a determinar os indivíduos com os seus lugares demarcados na sociedade”. (BOURDIEU, 1980).
- Essa estrutura estava embasada na “filosofia positivista, evolucionista e liberal que orientava o Brasil da Primeira República, os grupos da elite paranaenses não se apresentavam como instrumentos neutros, e sim como coligações de perpetuação dos sujeitos que controlavam o poder” (SANTANA, 2011).





CONEXÃO

PROFESSOR

Contexto de domínio social, a F.E.P e o espaço de reafirmação da emancipação política do estado



- Para efeitos a F.E.P como academia era uma “ferramenta para o controle do poder, espaço de reafirmação da emancipação política do Estado e do reconhecimento da intelectualidade paranaense no cenário científico nacional”(ANDERSON,1989).
- Agregado a esse ideal estava a construção da identidade paranaense que incluía o progresso, o desenvolvimento e o branqueamento, através da imigração de europeus, considerados morigerados.
- Nesse contexto sócio histórico cultural de 1940 estava inserida Enedina, não sendo pouco os embates entre ela e a F.E.P, visto ser mulher, negra e pobre em um espaço acadêmico hegemonicamente masculino, elitizado econômica e socialmente e com distinções étnicas que reproduziam os valores da sociedade paranaense da época, sobretudo de exclusão e invisibilidade do outro. (SANTANA, 2011).



CONEXÃO

PROFESSOR

Maior tempo para conclusão do curso preconceito, ou consequência da mentalidade do trabalho escravo.



- Para o professor Puppi (1986), a estudante negra Enedina “ encontrou por parte dos colegas a solicitude e a colaboração que lhe facilitaram a conclusão do curso”.
- Contrapondo-se a Eleny (2009) que afirma “Enedina conseguiu corresponder às atividades escolares graças aos esforços realizados ao passar as noites a estudar e copiar os livros emprestados que não podia comprar: “[...], ela era uma pessoa muito esforçada, sofreu muito preconceito em vários lugares”.
- Corroborando Nicolas (1977) ao considerá-la uma “aluna inteligente e aplicada pois a mesma sempre estudou durante o período noturno”.
- Elfrida (2011) relata que “havia preconceito e perseguição no espaço acadêmico porque Enedina era bastante inteligente e sempre foi uma pessoa com muitas habilidades”
-



CONEXÃO

PROFESSOR

Maior tempo para conclusão do curso preconceito, ou consequência da mentalidade do trabalho escravo.



- [...] ela foi reprovada algumas vezes, não sei em qual ano, em qual situação, que situação..., ela sempre falava prá gente, porque ela foi reprovada e ela dizia: Eu não desisto, eu vou até o fim, um dia eles enjoam da minha cara e me aprovam. E foi o que realmente aconteceu, ela não desistiu não, foi em frente (ELFRIDA, 2011).
-
- É possível notar que durante todo o período da capacitação, qualificação profissional e formação acadêmica de Enedina, ela desenvolveu em paralelo uma quádrupla jornada de atividades (ELENY, 2009).
- Nessa dinâmica “Foi observado ainda que de certa forma, as baixas avaliações constantes no seu histórico acadêmico podem ter prejudicado a sua entrada no novo mercado de trabalho na condição de engenheira”. (SANTANA, 2011).



CONEXÃO

PROFESSOR

Maior tempo para conclusão do curso preconceito, ou consequência da mentalidade do trabalho escravo.



- Farias, (2007) ressaltou a importância de “Enedina e a presença das mulheres engenheiras nas engenharias, e a consequente questão de gênero no mercado de trabalho com o objetivo de observar a existência da discriminação em relação ao sexo feminino no exercício da profissão de engenheira”.
- Isso decorre dos processos vivenciados por Enedina dentro da F.E.P, evidencia Thompson, (1995) ao relatar que “ Existem marcas nas palavras do professor Puppi de um discurso onde as mulheres brancas e filhas de engenheiros formadas na FEP – tivessem tido o mesmo tratamento dispensado à Enedina”.
- Para efeitos Santana (2011), apresenta dados conclusivos de modo a afirmar que “os resultados da pesquisa encontrados através da trajetória de Enedina na FEP não determinam uma inferioridade intelectual ou de qualquer outra natureza mas sim por a mesma ser mulher, pobre e negra”.
-



CONEXÃO

PROFESSOR

Preconceito acadêmico e suas consequências



- A capacidade técnica de Enedina pelos serviços prestados “à sociedade paranaense foi reconhecida no campo político, porém mesmo inserida na elite intelectual de Curitiba e desenvolvendo serviços, sofreu preconceitos e discriminação racial por parte dos seus novos pares”. (SANTANA, 2011).
- As consequências dos contínuos processos de discriminação levaram Enedina a um processo de auto rejeição desprezando sua própria imagem pois,
- [Na intimidade confessou à amiga, que mesmo com todas as conquistas intelectuais, materiais e sociais relatou aversão em ser negra,...], ela tinha o verdadeiro pavor em ser negra, ela não se aceitava, ela dizia assim, se eu tivesse uma coisa que me clareasse eu ia passar [...], ela não gostava de ser negra tanto que ela cortava o cabelo bem curto e usava perucas, isso é pra não ficar com cabelo pixaim, porque ela dizia que sofria muito preconceito por causa da cor dela.
- Mesmo ela tendo estudado e ter sido engenheira muita gente não aceitava ela pela cor, então ela sofria e sofria bastante (ELENY, 2009).
-
-



CONEXÃO

PROFESSOR

Preconceito acadêmico e suas consequências



- Para Goffman, (1975) a introspecção de Enedina e a negação da sua auto-imagem estão relacionadas “a forma do grupo superior ver o grupo marginalizado sendo o resultado de uma ideologia criada por aquele que se crê legítimo pertencente ao meio.
- Assim é explicada a inferioridade do outro que está sujeito às classificações e as submissões sociais.”
- Nesse aspecto Enedina estava vivenciando os desgastes perpetrados por uma sociedade que, não conseguindo mais impedir o negro de ter acesso a uma nova sociedade de classes, e não sendo mais a classe dominante capaz de estabelecer juridicamente a distância social entre as pessoas os estigmas raciais com seus diferentes símbolos foram então reelaborados.
-



CONEXÃO

PROFESSOR

Preconceito acadêmico e suas conseqüências



- Desse modo através da estética, estereótipos, avaliações negativas e em atitudes que buscavam privar o negro em seus movimentos visando afastá-los ou eliminá-los dos diferentes meios de convivência sociais dominados, sobretudo pelos brancos (IANNI, 1988).
- Para Fanon, (2008) “é o racista que cria o inferiorizado”, corrobora Santana (2011) ao observar que no caso de Enedina “os efeitos do racismo vão afastando-a das suas origens e ela vai se auto branqueando socialmente e passa a negar cada vez mais uma identidade de mulher negra.”
- Em certo sentido, “os estigmas que lhes foram atribuídos, às vezes, de maneira tão implícita, sutil pelos meios que transitou seja na sociedade, trabalho, ou no ambiente acadêmico, que marginalizada incorporou os ou reforçou esses padrões de inferioridade impostos”. (SANTANA, 2011).
-



CONEXÃO

PROFESSOR

Trajetória de sucesso profissional, mulher, negra, engenheira



- Enedina Alves Marques ao “enfrentar dificuldades, preconceitos e estereótipos na Faculdade de Engenharia do Paraná e em Curitiba, conseguiu superar barreiras sociais, econômicas, culturais, políticas e étnicas ao demonstrar ser uma mulher do seu tempo de olho no futuro”. (Santana, 2011).
- A pergunta de Santana, 2011 “porque, de modo geral, as mulheres negras durante a sua vida acadêmica foram invisibilizadas ou possuem uma menor notoriedade quanto aos feitos comparados aos homens e as mulheres brancas?”, permanece sem resposta.
- Conforme analise o crescimento profissional de Enedina, a mesma se fez visível, através do seu trabalho onde é notório o seu o crescimento profissional, pessoal, social.



CONEXÃO

PROFESSOR

Conclusão



- A construção desse caderno pedagógico com a temática da “Visibilidade da mulher negra, uma verdade inconveniente” parte da fala de Werneck, (2015) “Somos 49 milhões de mulheres negras, isto é, 25% da população brasileira e vivenciamos a face mais perversa do racismo e do sexismo por sermos negras e mulheres.”
- E ao mesmo tempo que a fala de *Sojourner Truht* (1851) ecoa pelo tempo deixando clara a condição do gênero mulher e da mulher negra ao expressar, “ E não sou uma *mulher*?.”
- Nesse momento apresenta se subsídios com reflexões dentro dos *subtemas como* o lugar da mulher negra e a sua interseccionalidade. Desse modo é possível fazer um recorte e trazer passado dessa mulher negra de modo que suas contemporânea se apropriem da sua verdadeira identidade.



CONEXÃO

PROFESSOR

Conclusão



- Uma vez ressignificado, ocorre o resgate da mulher negra pois nas sociedades africanas o sistema matrilinear é uma característica presente desde tempos remotos, onde a mulher negra sempre esteve inserida no sistema de partilha de direitos e responsabilidades exercendo importantes funções.
- A brutal ação da escravidão trouxe perdas não só para uma nação mas para gerações.
-
- A figura de Enedina A. Marques como a primeira engenheira negra, passa ser a representação da superação negra feminina nos bancos escolares.
- Dentro desse contexto observa -se as dificuldades de ser uma mulher, e uma mulher negra e estudante na década de 40 dentro de uma FE.P.



CONEXÃO

PROFESSOR

Conclusão



- O contexto do domínio social do período e a F.E.P como espaço de reafirmação da emancipação política do estado torna-se evidente a instituição e manutenção do racismo.
- Nesse sentido observa-se o maior tempo que o aluno negro(a) leva para conclusão dos cursos escolares sendo este um processo histórico.
- Para fins observa-se a trajetória de sucesso de Enedina como engenheira, mulher e negra.



CONEXÃO

PROFESSOR

Trajetória de sucesso profissional, mulher, negra, engenheira



- **Figura-04 figura 04, crescimento profissional de Enedina**
- **Ano**
- **Função**
- **Órgão / Trabalho**
- Professora normalista 2a classe
- Secretaria da Educ.
- 1943
- Professora 2a classe para professora padrão H. 1945 Auxiliar de Engenheira Departamento Estad. Água/Energ. Elétrica (DAEE)
- Fiscal das obras do estado.
- A primeira engenheira a chefiar a Divisão de Engenharia da Secção de Estatística do Estado.
- Fiscal das Obras da Usina Hidráulica de Cotia no município de Antonina,
- Eng.auxiliar resp. pelo levantamento topográfico do canal adutor entre os rios Saci e Cotia
- 1950 Engenheira
- 1951
- Foi nomeada e reclassificada Engenheira classe Q
- 1947
- Projeto da usina hidrelétrica Capivari Cachoeira. Plano Hidroelétrico Paranaense elaborado pelo Departamento Estadual de Água Energia Elétrica (DAEE), em 1947/1948/1951.



CONEXÃO

PROFESSOR



-
-
- Paralelamente ao projeto hidroelétrico, Engenheira Enedina atuou no trabalho de campo na topografia para construção da Usina Hidroelétrica Capivari Cachoeira, denominada posteriormente, Usina Parigot de Souza
-
- Calculou, fiscalizou a construção de várias pontes na estrada que liga o porto de Cacatú à Usina de Cotia
-
- Enedina em parceria com o engenheiro Ernesto Máximo participou ativamente de projetos e construções de grupos escolares, como o C.E.P
-
- Participou da construção da Casa dos Estudantes Universitários
-
- Especializou-se mais na administração de edificações e na construção da
- Usina Capivari Cachoeira, ela participou ativamente nesta usina.
- **Fonte: Santana, (2011) ET AL**
-



CONEXÃO

PROFESSOR

Trajetória de sucesso profissional, mulher, negra, engenheira



- **Reconhecimento eterno por parte dos governos**
-
- A capacidade técnica de Enedina pelos serviços prestados à sociedade paranaense foi reconhecida no campo político durante a passagem, por duas vezes, de Moisés Lupion no governo do Estado do Paraná (SANTANA, 2011), pois
-
- [...] desde o arrojo de Capivari - Cachoeira, a usina hidrelétrica que lança as águas de um rio de Campina Grande, no leito encachoeirado de outro rio do litoral; através de um túnel escavado no maciço granítico da Serra do Mar [...] obra magistral de engenharia, onde brilharam a inteligência e a precisão do professor Pedro Viriato Parigot de Souza, a capacidade determinada da engenheira negra Enedina Marques, a primeira mulher engenheira do Estado do Paraná (GRECA, 2006).
-
- Conforme figura 05 “Honra e glória da mulher paranaense”, Enedina eternizou sua memória através dos seus feitos:



CONEXÃO

PROFESSOR

Trajetória de sucesso profissional, mulher, negra, engenheira



- 1945
- Decreto/19852 11?04/1931 Primeira Eng. no Est. do Paraná”
-
- 1969
- Presenciou o lançamento do livro “Meu Diário” de Luiza Dorfmund em 1969.
-
- 1988
- A Câmara de Vereadores de Curitiba, (Decreto Lei, 692, 1982). “para honra e glória da mulher paranaense logrou aprovação com o grau de Engenheira Civil, à memória de Enedina.
-
-
- A Câmara de Vereadores de Curitiba, (Decreto Lei, 692, 1982). emprestou o seu nome mais uma vez ao Memorial da abolição no país com mais noventa e nove outras pessoas negras, lembradas, que contribuíram para o progresso do município e do estado.
-
-
- Prefeitura Municipal de Curitiba em parceria com o Clube Soroptmista Internacional inaugurou um Memorial à Mulher Pioneira do Paraná, com os nomes de Enedina e mais 52 mulheres que lutaram pela melhoria da qualidade de vida do povo paranaense e dos seus descendentes,
-
- 2006
- Enedina Alves Marques foi homenageada ao ser inserida no “Livro do Mérito do Conselho Federal de Engenharia e Arquitetura” CONFEA, existente desde o século XIX, com homenagens aos engenheiros José Maria da Silva Paranhos (Visconde do Rio Branco), Alfredo D'Escragnolle Taunay (Visconde de Taunay), André Rebouças, bem como, alguns dos seus professores da FEP, reconhecidos pelos serviços prestados à sociedade paranaense:
-



CONEXÃO

PROFESSOR



- 2006
- Jornal do IEP deu destaque, novamente, ao seu pioneirismo no setor tecnológico a frente dos levantamentos topográficos e construção da Usina Hidroelétrica Parigot de Souza
- 2006,
- Aracy Adorno Reis a responsável pela fundação do Instituto de Mulheres Negras Enedina Alves Marques, (IMNEAM), relatou que a primeira mulher engenheira da FEP, "Enedina é um ícone, uma motivação para buscarmos sempre mais" e, precisa ser rememorada..